

antologia do conto

o mendigo ou o cachorro morto

bertolt brecht

O Mendigo ou o Cachorro Morto

Bertolt Brecht

Um portão. À direita, sentado, um mendigo, pálido, roupas esfarrapadas. Segura um realejo, escondido na roupa. É de manhã, bem cedo. Um tiro de canhão soa. Entra o Imperador, cercado de soldados. Seus cabelos são longos e sua cabeça está descoberta. Usa roupa de lã. Os sinos tocam.

IMPERADOR – No momento em que vou celebrar meu triunfo sobre o meu mais importante inimigo, quando o país mistura meu nome com o fumo negro do incenso, há um mendigo sentado diante da minha porta, fedendo a miséria. Mas, com tantos acontecimentos importantes, pode-se conversar sobre o Nada. Os soldados retrocedem. Homem, você sabe por que os sinos dobram?

MENDIGO – Sim. Meu cachorro morreu.

IMPERADOR – Isso foi uma insolência?

MENDIGO – Não. Foi por velhice. Mas agüentou bem. Pensava eu: por que as suas patas tremem? Ele tinha apoiado as da frente no meu peito, e ficamos deitados assim a

noite toda, mesmo quando começou a esfriar. Mas, de madrugada, ele já estava morto e eu o afastei de mim. Agora não posso voltar para casa, porque ele está apodrecendo, cheirando mal.

IMPERADOR – Por que você não o enterra?

MENDIGO – Não é da sua conta. Agora você tem o peito oco como um buraco de esgoto, pois fez uma pergunta tola. Todos fazem perguntas tolas. Perguntar já é bobagem!

IMPERADOR – Mas mesmo assim vou continuar perguntando: quem cuida de você? Porque se não há ninguém que o cuide, vai ter que ir embora, aqui não se admite carne podre nem gritos.

MENDIGO – Estou gritando?

IMPERADOR – Agora é você quem está perguntando, embora com um certo sarcasmo que não entendo.

MENDIGO – Sim, isso eu não sei, pois se trata de mim.

IMPERADOR – Não faça caso de você. Mas quem cuida de você?

MENDIGO – De vez em quando, um menino, que um anjo fez na sua mãe enquanto ela colhia batatas.

IMPERADOR – Você não tem filhos?

MENDIGO – Foram embora.

IMPERADOR – Como o exército do Imperador Ta Li, que as areias do deserto engoliram?

MENDIGO – Ele atravessava o deserto e seus homens falaram: é muito longe, volta, Ta Li. E ele respondia: esta terra precisa ser conquistada. Marchavam diariamente até gastar os sapatos, então sua pele rachou e continuaram marchando de joelhos. Uma vez um tufão derrubou um cavalo. Ele morreu diante dos olhos de todos, uma vez chegaram a um oásis e disseram: é assim a nossa pátria. Aí o filho do Imperador caiu numa cisterna e se afogou. Guardaram sete dias de luto, a dor que sentiam era infinita. Uma vez viram os cavalos morrerem. Uma vez as mulheres não puderam mais segui-los. Uma vez chegaram o vento e a areia, e a areia cobriu todos, e então tudo terminou, e voltou o silêncio, e a terra foi deles, e eu esqueci o nome dele.

IMPERADOR – Como é que você sabe disso? Está tudo errado. Foi bem diferente.

MENDIGO – Quando ele era tão forte que eu parecia seu filho, fugi, porque não permito que me dominem.

IMPERADOR – De que você está falando?

MENDIGO – Passavam nuvens perto da meia-noite apareceram estrelas. Depois, tudo foi silêncio.

IMPERADOR – As nuvens fazem barulho?

MENDIGO – É verdade que morreu muita gente nas cabanas perto do rio que transbordou semana passada, mas não conseguiram atravessar.

IMPERADOR – Já que sabe tudo isso, você nunca dorme?

MENDIGO – Quando me deito em cima das pedras, a criança que acabou de nascer chora. E então sopra um vento novo.

IMPERADOR – Ontem à noite o céu estava estrelado, ninguém morreu perto do rio, não nasceu criança alguma, não soprava vento.

MENDIGO – Então você deve ser cego, surdo e ignorante. Ou é maldade sua.

Pausa

IMPERADOR – O que você faz o tempo todo? Nunca vi você. De que ovo saíste?

MENDIGO – Percebi que este ano o milho está ruim, porque não choveu. Um vento escuro e quente sopra nos campos.

IMPERADOR – É verdade, o milho não está bom.

MENDIGO – Assim aconteceu há 38 anos. O milho torrou no sol e, antes que morresse, caiu uma chuva tão forte que apareceram ratos e devastaram os campos. Depois entraram nos povoados e morderam as pessoas. Este alimento matou os ratos.

IMPERADOR – Nunca soube nada disso. Deve ser também invenção, como o resto. A história não fala nada disso.

MENDIGO – Não existe história.

IMPERADOR – E Alexandre? E César? E Napoleão?

MENDIGO – Histórias! Quem é esse tal de Napoleão?

IMPERADOR – Aquele que conquistou metade do mundo e sucumbiu pela própria soberba.

MENDIGO – Isso é coisa que só dois podem crer: ele e o mundo. É falso. A verdade é que Napoleão era um homem que remava numa galera e tinha uma cabeça tão grande que todos diziam: não podemos remar porque sobra muito pouco espaço para os nossos cotovelos. Quando o barco afundou, porque não remavam, ele encheu a cabeça de ar e se salvou, só ele, e como estava acorrentado teve que continuar remando, lá de baixo, não via para onde e que todos tinham se afogado. Então, pensando no mundo, abanou a cabeça e, como era muito pesada, ela se despreendeu.

IMPERADOR – Essa é a maior tolice que escutei na vida. Você me decepcionou muito com essa história. As outras pelo menos estavam bem contadas. Mas que opinião tem você do imperador?

MENDIGO – Não existe Imperador. Só o povo pensa que existe um, e só um único homem pensa que é Imperador. Quando tiverem construído bastantes carros de guerra e os tambores estiverem treinados, haverá guerra e vão procurar um adversário.

IMPERADOR – Mas agora o Imperador derrotou seu adversário.

MENDIGO – Matou, não derrotou. O idiota matou o idiota.

IMPERADOR – Com esforço – Era um inimigo forte, acredite.

MENDIGO – Um homem bota pedrinhas no meu arroz. É esse meu inimigo. Ele se vangloria porque tinha a mão forte. Mas morreu de câncer e quando fecharam o caixão, a mão dele ficou presa e não perceberam quando levaram o caixão, de modo que a mão ficou pendurada, vazia, desamparada, nua.

IMPERADOR – Você nunca se aborrece de ficar deitado?

MENDIGO – Antes as nuvens passavam no céu, sem parar. É a elas que contemplo. Não param nunca.

IMPERADOR – Agora não há nuvens. Portanto estás delirando. Isso é claro como o sol.

MENDIGO – O sol não existe.

IMPERADOR – Você talvez seja até perigoso, paranóico ou louco furioso.

MENDIGO – Era um cachorro bom, não um cachorro qualquer. Merecia o melhor. Até me trazia carne, e à noite dormia no meio dos meus trapos. Uma vez houve uma grande gritaria na cidade, todo mundo tinha algo contra mim, porque não dou nada de importante a ninguém, e até os soldados vieram atrás de mim. Mas o cachorro afugentou todos.

IMPERADOR – Por que me conta isso?

MENDIGO – Porque acho você burro.

IMPERADOR – Que mais pensa de mim?

MENDIGO – Tem uma voz fraca, portanto é medroso; pergunta demais, portanto é lacaio; procura me preparar armadilhas, portanto não está seguro de si, nem nas coisas mais seguras; você não acredita em mim mas fica me escutando, portanto é um homem fraco; e por fim pensa que o mundo todo gira em torno de você, quando há pessoas muito mais importantes, eu por exemplo. Além disso, você é cego, surdo e ignorante. Os outros defeitos, não conheço ainda.

IMPERADOR – Não é um quadro muito animador. Não vê nenhuma virtude em mim?

MENDIGO – Você fala em voz baixa, portanto é humilde; pergunta muito, portanto tem ânsia de saber; examina tudo, portanto é cético; escuta o que imagina ser mentira, portanto é indulgente; acredita que tudo gira em torno de você, portanto não é pior que os outros homens e sua crença não é mais tola que a dos outros. Além disso, ver demasiado não o confundiu; não se preocupa com o que não lhe interessa; não está paralisado pelo saber. As outras virtudes, você deve saber melhor que eu e qualquer outro.

IMPERADOR – Você é espirituoso.

MENDIGO – Toda adulação merece pagamento. Mas agora não vou pagar nada pelo meu pagamento.

IMPERADOR – Eu pago todos os serviços que me fazem.

MENDIGO – Isso está claro. O fato de esperar aprovação revela a sua alma comum.

IMPERADOR – Não guardo nenhum rancor de você. Isso também é comum.

MENDIGO – É. Porque você não pode me fazer mal.

IMPERADOR – Posso mandar jogar você num calabouço.

MENDIGO – É fresco lá?

IMPERADOR – O sol não entra nunca.

Mendigo – Sol não existe. Você deve ter memória ruim.

IMPERADOR – Também posso mandar matar você.

MENDIGO – Então já não vai chover na minha cabeça, os insetos vão embora, meu estômago vai me deixar em paz e haverá o maior silêncio que já conheci.

Um mensageiro entra e fala em voz baixa com o imperador.

IMPERADOR – Diga que não me demoro. Sai o mensageiro. Não vou te fazer nada disso. Pondero as coisas que faço.

MENDIGO – Não diga isso a ninguém, senão vão tirar conclusões observando teus atos.

IMPERADOR – Não creio que me desprezem.

MENDIGO – Diante de mim todos se curvam. Mas isso não me impressiona. Só os insistentes me incomodam com suas conversas e perguntas.

IMPERADOR – Incomodo-te?

MENDIGO – Essa é a pergunta mais boba que você fez hoje. Você não tem vergonha. Não respeita a intangibilidade de um ser humano. Não conhece a solidão, por isso procura a aprovação de um desconhecido como eu. Você depende do respeito de cada homem.

IMPERADOR – Eu domino os homens. Por isso me respeitam.

MENDIGO – A rédea também pensa que domina o cavalo, o bico da andorinha pensa que orienta seu vôo e a ponta da palmeira pensa que arrasta a árvore em direção ao céu!

IMPERADOR – Você é um homem mau. Eu o faria elimi-

nar, se depois não tivesse que pensar que foi minha vaidade ferida.

O mendigo apanha o realejo e toca. Um homem passa rapidamente e faz uma reverência.

MENDIGO – Guardando o realejo – Esse homem tem uma mulher que rouba dele. À noite ela se inclina sobre ele para lhe tirar dinheiro. Às vezes ele acorda e a vê inclinada sobre ele. Então pensa que ela o ama tanto, que não pode passar uma noite sem o contemplar. Por isso perdoa os pequenos roubos que descobre.

IMPERADOR – Vai começar outra vez. Nem uma palavra disso é verdade.

MENDIGO – Pode ir. Você está ficando vulgar.

IMPERADOR – É inacreditável. O Mendigo toca o realejo. Terminou a audiência?

MENDIGO – Agora todos vêm outra vez o céu mais bonito e a terra mais fértil, por causa desse pouquinho de música, e prolongam sua vida e perdoam a si mesmos e a seus vizinhos, por esse pouquinho de som.

IMPERADOR – Diga-me, pelo menos, por que não me suporta mas me contou tanta coisa?

MENDIGO displicente – Porque você não foi orgulhoso demais para escutar minha conversa, única coisa que eu precisava para esquecer a morte do meu cachorro.

IMPERADOR – Agora vou embora. Você estragou o dia mais belo da minha vida. Não devia ter parado. Piedade não leva a nada. a única coisa que vale em você é a coragem de falar comigo nesses termos. E foi por isso que fiz todos esperar.

Parte, escoltado pelos soldados. Novamente tocam os sinos.

MENDIGO – percebe-se que é cego – Agora ele foi embora. Deve ser de manhã, pois o ar está tão quente. O garoto hoje não vem. Há festa na cidade. Aquele idiota também foi para lá. Agora tenho que pensar outra vez no meu cachorro.